

Saúde e educação na revista *Infância*

Health and education childhood in the journal

Marina de Moura ¹

Resumo: Este trabalho apresenta uma pesquisa documental, realizada na Revista *Infância*, material publicado pela Cruzada Pró-Infância entre os anos de 1935-1937. Esta entidade tinha como objetivo proteger a infância, através da promoção de cuidados de saúde e de educação para as crianças pobres da cidade de São Paulo e ainda hoje atua nessa área. O cenário da cidade de São Paulo favoreceu a criação de diversas entidades com os mesmos objetivos, influenciados pelos impactos das transformações sociais e políticas ocorridas desde a década de 1920. Foi neste período marcado por diversos acontecimentos educacionais, sociais e políticos e durante que começou a se difundir a sistematização da assistência e proteção à infância e foi instalada na cidade de São Paulo a Associação de Educadoras Sanitárias, que procurou unir Saúde e Educação atingindo assim o cerne do problema, a ignorância. A união da Cruzada Pro-Infância e a Associação de Educadoras Sanitárias se deu por terem as mesmas pessoas no quadro de fundadoras e, desta maneira ambas as organizações puderam compartilhar seus objetivos. A Cruzada Pro-Infância, divulgava saúde através de sua revista, e as educadoras atuavam diretamente nas escolas. A análise dos artigos educacionais e da área da saúde na Revista *Infância* revelou que a Cruzada Pró-Infância utilizou as mais modernas técnicas de educação, psicologia e saúde pública para combater a mortalidade infantil e colaborar com a educação das crianças. É nesse sentido que apontamos, como resultado da pesquisa, que a Cruzada Pró-Infância colaborou na difusão de uma nova maneira de pensar e se relacionar com a criança, difundindo a ideologia da infância, e da saúde da criança ideal presente, naquela época, nas classes altas, para as menos favorecidas.

Palavras-Chave: educação; saúde; história da infância

Abstract: *This paper presents a documentary research conducted in the Revista Infância ('Childhood Magazine'), material published by Cruzada Pró-Infância (Crusade for Childhood) in the years 1935-1937. This entity was aimed at protecting children through the promotion of health care and education for poor children in São Paulo and even today serves in this area. The scenery of the city of São Paulo favored the creation of several organizations with the same goals, influenced by the impacts of social and political changes since the 1920s. This pe-*

riod marked by several educational, social and political events during which they began to spread the care system and protection of childhood and was installed in São Paulo Association of Sanitary Educators who sought to unite health and education, thereby achieving the crux of the problem, ignorance. The union of Crusade for Childhood and the Educators Association of Sanitary have occurred by the same people in framework of the founders and, this way both organizations could share their goals. The Crusade for Childhood, publicized health through its magazine, and the teachers worked directly in schools. The analysis of educational articles and healthcare in the Journal Childhood revealed that the Crusade for Childhood used the most modern techniques of education, psychology and public health to combat infant mortality and collaborate with the education of children. That is why we pointed as a result of the research, the Crusade for Childhood collaborated in diffusion of a new way of thinking and relating with the child, spreading the ideology of childhood and children's health this ideal, then, in the upper classes for the underprivileged.

Key-Words: *education, health, history of childhood*

Introdução

A infância tem sido tema de interesse para a sociedade ocidental há muito tempo, mas tal interesse tem se intensificado nos dois últimos séculos (XIX e XX). A promulgação de importantes decretos como a Declaração Universal dos Direitos da Criança, pela Organização das Nações Unidas (1959); a declaração do Ano Internacional da Criança (1979) e o Estatuto da Criança e do Adolescente, no Brasil (1990) indicam esse aumento e a preocupação das sociedades ocidentais com a criança e a infância. A valorização da infância e da adolescência é reforçada pela atuação de órgãos como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e o UNICEF (Fundo para Crianças das Nações Unidas) e amplamente divulgada pelos meios de comunicação. Citando Abrão (1999, p.34), “a sociedade do século XX privilegiou, como nunca antes se viu, a infância em detrimento das demais ‘idades da vida’”.

Tendo em conta esse contexto o objetivo da pesquisa ora apresentada foi investigar a relação entre a saúde e a educação na Revista Infância, publicada na década de 1930, na cidade de São Paulo (Brasil), período esse marcado por diversos acontecimentos educacionais, sociais e políticos e durante o qual começou a se difundir a sistematização da assistência e proteção à infância e foi instalada na cidade de São Paulo a Associação de Educadoras Sanitárias. A importância desse estudo decorre do fato de os acontecimentos daquele período terem marcado a

sociedade brasileira desde então. O material analisado é considerado documento público e foi disponibilizado pelo Instituto de Saúde de São Paulo, órgão do governo do Estado de São Paulo, vinculado à Secretaria de Estado da Saúde.

A exposição da pesquisa está dividida em quatro partes: a primeira é composta do embasamento teórico e o histórico da Cruzada Pró-Infância; na segunda é descrita a metodologia da pesquisa; na terceira encontram-se as análises e, finalmente, na quarta e última parte são apresentadas as considerações finais.

Considerações sobre a infância

Muito embora as definições de criança e de infância sejam controvertidas, entendemos que a criança a partir do nascimento passará por estágios particulares de desenvolvimento que serão mediados pela sociedade na qual está inserida. As relações familiares, escolares e sociais, seus principais núcleos de socialização, transmitirão à criança valores e crenças e isso se refletirá na maneira pela qual ela viverá a sua infância.

Pode-se dizer que na década de 1930 no Brasil, a educação da infância ganhou um status especial. A idéia de que a criança precisava de uma vida separada do adulto e com isso ter atividades especificamente voltadas para ela, atividades essas vistas como necessárias para o desenvolvimento da infância, foi difundida naquele período. Entretanto, a separação entre crianças e adultos não era novidade, ela já existia na sociedade grega antiga. Ariès (1986), um dos mais conhecidos historiadores da infância na modernidade, elaborou uma história linear sobre o desenvolvimento da noção de infância. Em seu livro “A história social da infância e da família”, ele defende um “sentimento da infância” que, segundo ele, é uma atitude que revela a consciência da particularidade infantil que distingue a criança do adulto. Ele afirma ainda que esse sentimento surgiu na Europa a partir do século XVII e foi então que se reconheceu a necessidade de limitar a participação das crianças no mundo adulto.

Stearns (2006), por sua vez, aponta para três mudanças principais que separaram a infância moderna da infância das sociedades agrícolas dos séculos anteriores ao XVIII. Para o autor esse foi e é um processo dinâmico, o que significa que nem todas as sociedades aceitam a mesma noção de infância e este não é um simples processo de modernização da infância. A primeira mudança destacada foi a passagem de uma infância trabalhadora para uma infância escolarizada, com a qual teve início uma grande transformação, tendo em vista que a criança passou de um indivíduo economicamente ativo para um indivíduo passivo. Embora lenta essa transformação afetou os métodos de produção de mercadorias na Inglaterra e a luta pela melhoria de vida e pela escolarização das crianças ganhou força com a industrialização da Europa (Marx, 1985). Na

obra “O capital”, Marx dedica um capítulo às condições fabris do trabalho da mulher e da criança e analisa as leis que visavam proteger as mulheres e crianças trabalhadoras na Inglaterra, concluindo que tais leis não eram cumpridas na maioria dos casos relatados. A segunda mudança importante relatada por Stearns (2006) foi a redução no tamanho das famílias. Ele afirma que, com a escolarização da infância, a criança passou a ser economicamente passiva e esse foi um dos fatores para a redução no número de filhos. O processo descrito pelo autor aconteceu na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, as famílias ainda são bastante numerosas, principalmente nas classes pobres; contudo, isso não impede as classes ricas de serem numerosas e, além disso, também ainda hoje encontramos crianças economicamente ativas, as quais colaboram com a renda e o sustento de sua família. Por fim, a terceira mudança na concepção da infância moderna descrita por Stearns (2006) foi a redução na taxa de mortalidade infantil. Essa redução, além de se relacionar com a proibição do trabalho infantil, também está associada aos avanços na saúde pública e no saneamento básico das cidades.

Nota-se que os aspectos citados por Stearns (2006) podem ser observados também no Brasil, e pode-se dizer que estas mudanças marcaram também as atividades da Cruzada Pró-Infância. Problemas relacionados às condições de trabalho e à escolarização das crianças trabalhadoras foram motivos de luta e preocupação no Brasil com a expansão da industrialização na década de 1930. Na cidade de São Paulo, nessa década, a situação da criança trabalhadora era bastante precária e a luta por sua escolarização marcou grande parte das atividades dos ativistas do início do século XX, entre eles os membros da Cruzada Pró-Infância que trabalhou juntamente com as educadoras sanitárias na cidade de São Paulo para reduzir a mortalidade infantil.

De acordo com Moura (2007), a obrigatoriedade de matricular as crianças em escolas públicas afetou as relações de trabalho das mesmas, fazendo com que sua jornada fosse diminuída e em alguns casos suspensa, o que provavelmente ocasionou mudanças nas relações familiares, principalmente nas classes sociais menos favorecidas.

A família tem sido há alguns séculos a principal célula social na qual os seres humanos são incluídos e se constituem como indivíduos e na década de 1930 não foi diferente. A valorização das famílias e das relações familiares era forte e o senso de pertencimento na sociedade em grande parte se dava em função das famílias. As famílias eram em geral patriarcais; o homem era o responsável pelo sustento material e as mães pela educação dos filhos; pais eram modelos para seus filhos e as mães para as filhas, que eram educadas para serem esposas dedicadas, mães atenciosas e preocupadas com o desenvolvimento da sociedade.

Naquele momento muitas famílias paulistas estavam no auge de seu status. Elas enriqueceram com a industrialização e o poder econômico-cultural estava nas mãos de poucas delas, responsáveis pelas transformações, econômicas, sociais e culturais da cidade. Nesse contexto, as crianças passaram a ser mais valorizadas, mas ao mesmo tempo cresceram as expectativas a seu respeito, Moura (2007).

São Paulo nos anos 1930 e a cruzada pró-infância

Alguns fatos marcaram profundamente a história do Brasil. Para Miceli (2001, p.77), “as décadas de 1920, 1930 e 1940 assinalam transformações decisivas nos planos, econômico, social, político e cultural”; em particular, a sociedade começou a se mobilizar em relação à proteção à infância. Entre os documentos voltados para esse fim está o primeiro Código de Menores do Brasil (1927) que consolidou leis de assistência e proteção aos menores abandonados e privilegiou, para as crianças, o estudo ao invés do trabalho. Essas e outras iniciativas estavam fortemente ligadas à ação dos higienistas que criaram a seção de Higiene Infantil do Departamento Nacional de Saúde Pública (Faleiros, 1995). Outro aspecto foi a responsabilização do Estado pelo futuro da criança e da sociedade.

Pinchbeck e Hewitt (apud Leite, 1972) informam que na Inglaterra, a institucionalização da educação formal, seguida da separação entre a criança e a sociedade adulta, foi condição para o aparecimento da infância. Também no Brasil a expansão da industrialização nos grandes centros urbanos favoreceu que a criança passasse a ter maior importância para a sociedade, o que estava fortemente ligado à educação, devido às reformas educacionais ocorridas entre 1920 e 1930 e à instituição de leis especialmente voltadas para a proteção das crianças e das mães.

Para Rizzini (1993), durante esse período a atenção estava voltada principalmente para a infância pobre, abandonada e marginal, que era um problema para a sociedade, pois grande parte da infância brasileira ainda era composta por crianças trabalhadoras, não escolarizadas ou pouco escolarizadas, vítimas de doenças relacionadas ao trabalho e às más condições de vida, como indicavam as estatísticas sobre mortalidade infantil, em São Paulo o índice de mortalidade infantil no início da década de 1930 era estimado em 168%, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As crianças que recebiam a atenção do governo paulista pertenciam a famílias pobres, imigrantes e operárias que trabalhavam nas indústrias recém-instaladas na cidade de São Paulo. Porém, muitas vezes a atenção dispensada não era suficiente para a população, que crescia continuamente, atingindo na década de 1930 um milhão

de habitantes. Entretanto, ao mesmo tempo em que “São Paulo conhecia acelerado desenvolvimento urbano, industrial e cultural, acentuavam-se as diferenças econômicas e sociais especialmente as condições de trabalho, de moradia, de saúde e de acesso aos bens culturais e consumo da população” (Byington et al., 2005, p.37), as quais influenciaram a classe alta paulista de diversas maneiras, pois buscavam o fortalecimento da identidade nacional. Byington et al. (2005) relatam que a vida da população pobre se deteriorava a olhos vistos e qualquer epidemia na cidade poderia ser uma catástrofe visto a falta de saneamento básico e a população ainda vivendo com hábitos de comunidades rurais.

Nesse contexto homens e mulheres de classe média começaram a denunciar e a buscar soluções para os problemas da cidade; se envolveram politicamente acreditando que poderiam construir um país diferente, com um envolvimento social efetivo e através da produção cultural e educacional. A partir de então diversas entidades assistenciais começaram a ser fundadas na cidade.

Essas instituições estatais e filantrópicas preocupavam-se com o aumento da infância abandonada, principalmente nas grandes cidades, pois isso provocava um aumento da criminalidade e na quantidade de desocupados perambulando pelas ruas. Moncorvo Filho, renomado médico pediatra da época, afirmava que era preciso “ampliar o tempo de vigilância sobre os adultos para garantir a vida das crianças. Para ele, a ignorância dos pais, sobretudo das mães”, também deveria ser objeto de governo e o saber médico o pilar para essa luta, a fim de que um plano para a nação fosse viável (1901, apud Gondra, 2002, p. 306).

Esse foi, portanto, o cenário no qual a senhora Pérola Ellis Byington, esposa de Albert Byington, engenheiro prático do ramo da eletrificação, interessou-se pelo problema da mortalidade infantil. Ela filiou-se à Associação de Educadoras Sanitárias que tinha como objetivo auxiliar os poderes públicos no combate à mortalidade infantil, Rocha, 2005 e pautava-se na formação da consciência sanitária da população para alcançar seus objetivos. E, formou uma comissão que fundou, em 12 de agosto de 1930, a Cruzada Pró-Infância, constituída e administrada exclusivamente por senhoras que pertenciam às classes, média e alta paulistana. Todas tinham experiência em trabalho voluntário ou formação profissional (em geral eram professoras), relata Mott (2003). Os principais objetivos da Cruzada eram promover a saúde e a educação de mães para que as crianças tivessem melhores condições de saúde e maiores chances de sobrevivência. A Cruzada Pró-Infância utilizou os conhecimentos mais atuais da época na área de educação, psicologia e saúde pública para combater a mortalidade infantil e colaborar com a educação das crianças.

Outro aspecto fundamental para o desenvolvimento da consciência sanitária, foi instituído pela Reforma Paula Souza em 1925, afirma, Rocha

(2005). Esta reforma fundou o que chamaremos de uma nova profissão, a educadora sanitária. A partir do ano de 1925 iniciou-se o curso de formação para professoras da rede pública de ensino primário. Rocha (2005) afirma que este curso foi compreendido no âmbito das propostas modernizadoras no campo da saúde pública implementadas em São Paulo na década de 1920.

Saúde, educação, psicologia e ideologia da infância

As transformações sociais e políticas ocorridas na década de 1930 afetaram a saúde e a educação que influenciaram a psicologia e, esta última foi utilizada como ideologia, pois apresentava modelos de comportamento considerados adequados no trato com a infância.

Nas décadas iniciais do século XX a quantidade de escolas ainda não era suficiente para a educação de toda a população, embora ao longo do tempo tenham acontecido modificações na educação pública brasileira. Foi, entretanto, a preocupação com o elevado número de analfabetos que ocasionou a reforma educacional paulista na década de 1920. Tal movimento propunha a oferta do ensino primário em dois anos como forma de democratizar o acesso à educação. Multas e penas buscavam garantir a implementação da obrigatoriedade do ensino (Nagle, 1974).

Com o aumento das escolas primárias, cresceu também a quantidade de escolas normais destinadas à formação de professores, o que colaborou para que a psicologia ganhasse importância, principalmente em virtude dos laboratórios de psicologia anexos às escolas, que atuavam na elaboração de testes psicológicos para medir as mais diferentes características.

Além da reforma na educação, como já dissemos houve também uma reformulação do sistema de saúde pública e entre as reforma, a implementação do curso de formação de educadoras sanitárias. Um dos objetivos das educadoras era “atingir as famílias das crianças, ensinando-lhes um padrão de vida considerado civilizado, expresso em práticas de asseio pessoal e do vestuário, higiene do lar, alimentação e cuidado com os filhos” (Rocha, 2005, p. 75). As educadoras sanitárias deveriam contribuir para a formação de homens fortes, cultos e virtuosos, para o engrandecimento do Brasil, afirma Rocha (2005).

Nas décadas de 1920 e 1930, a psicologia se fortaleceu, sobretudo na educação e na medicina. Para Antunes (2005), a medicina foi um importante substrato para o desenvolvimento da psicologia no Brasil no início do século XX. Um exemplo disso foi a criação dos laboratórios de psicologia nos hospícios e nas escolas normais. Segundo esse autor, por intermédio da educação “grande parte dos conhecimentos produzidos na Europa e nos Estados Unidos chegaram ao Brasil” (p. 83).

A Cruzada Pró-Infância utilizou os conhecimentos mais atuais da época na área de educação, psicologia e saúde pública para combater a mortalidade infantil e colaborar com a educação das crianças.

A história, entretanto, não pode ser negada. A elite econômica teve, em toda a história da educação, um ensino diferenciado das classes populares, fosse nas escolas, nas igrejas ou nas residências. Quando houve a formalização da educação, as famílias ricas, apesar de seguirem os sistemas formais de ensino, iniciaram uma diferenciação de escolas de acordo com a classe social. Partiram da premissa de que para haver uma boa educação era necessário separar aqueles que sabem mais dos que sabem menos, para que os primeiros possam transmitir seus conhecimentos do mundo, da ciência e da sociedade para as classes populares (os que sabem menos). Nesse contexto, a Cruzada Pró-Infância colaborou na difusão de uma nova maneira de pensar e se relacionar com a criança, disseminando a ideologia dominante de infância e de criança ideal, tomada dos países estrangeiros, considerados mais adiantados e de onde provinham ou haviam estudado muitas dessas mulheres envolvidas no atendimento à infância. De certa forma o Brasil era considerado por elas, e pela elite brasileira, um país onde muita coisa ainda estava por se fazer.

Essa entidade, que até os dias atuais tem como objetivo a proteção à infância, publicou, de 1935 a 1937, com a colaboração da elite paulistana, a revista *Infância*, veículo de divulgação do trabalho e das preocupações da Cruzada entre as famílias operárias. A revista trazia assuntos relacionados à saúde, educação e psicologia da criança, difundia conhecimentos científicos e por meio dos textos publicados pretendia educar os “pobres” através dos conhecimentos dos “ricos”.

Embora essas ações possam ser consideradas importantes para a melhoria das condições de vida e educação das crianças, a ideologia nelas presente pode justificar a dominação e a inculcação de um modelo de vida e de pensamento, e ser utilizada pelos meios de comunicação que propagam o conhecimento científico - que trazem em si toda a autoridade da ciência - para a manutenção das diferenças sociais. Embora no seu bojo pretenda contribuir para a equidade, segundo Adorno e Horkheimer (1986) essa é uma falsa consciência, socialmente condicionada e “cientificamente adaptada à sociedade”, adaptação que se realiza “mediante os produtos da indústria cultural, como o cinema, revistas, os jornais ilustrados...” (p.201), como provavelmente foi o caso da revista *Infância*.

Percurso metodológico

A revista *Infância* foi publicada pela Cruzada Pró-Infância, na cidade de São Paulo, entre 1935 e 1937. A revista podia ser adquirida em bancas de jornal ou mediante assinatura anual, sendo o público-alvo as famílias de classe

média e alta, embora tivesse como fim a educação dos pobres. Seu formato era de 26,5cm x 20cm, com capas coloridas e textos, fotos, figuras e propagandas em preto e branco. Foi idealizada para ser uma publicação mensal, porém a periodicidade era irregular, tendo sido publicados 18 números. Com exceção dos números 3, 5 e 6, que não foram localizados até a época de conclusão da pesquisa, os demais foram objeto de análise. Não foram encontradas, até o momento, informações sobre o motivo da cessação da publicação da revista.

Para analisar a revista Infância e as idéias sobre educação e psicologia nela presentes foram feitas várias leituras, de todos os artigos, de forma bem detalhada, o que levou à elaboração de quadros e tabelas sínteses que permitiram descrição, classificação e análise dos assuntos publicados. Iniciamos a apresentação dos resultados com uma descrição da revista; indicamos os destinatários preferenciais dos textos (educadores, pais, pai, mãe e criança) e seus autores; analisamos as imagens ilustrativas dos artigos e as propagandas veiculadas. A seguir, com o auxílio da análise do conteúdo procuramos reconhecer a noção de infância presente na revista como um todo, isto é, nos textos, imagens e propagandas.

Alguns resultados

Destinada a pais e educadores, a revista tinha como objetivo difundir, entre os leitores, as idéias científicas vigentes na época. Percebe-se nos textos que também fazia parte dos objetivos capacitar as famílias pobres para a tarefa de assistir e educar as crianças via a transmissão do conhecimento científico.

Nos artigos encontram-se hábitos e costumes da classe alta, como métodos educacionais, padrões de saúde e prevenção de doenças, tidos como os melhores, que deveriam ser seguidos, pois as crianças deveriam ser “moldadas” para garantir o futuro promissor do país. As análises indicam que as mães eram as principais destinatárias da revista, com 35% de textos a elas dedicados. Em segundo lugar estavam os pais - de ambos os sexos - com 33% dos textos e em terceiro lugar os educadores (19%).

A seguir apresenta-se a análise do conteúdo dos artigos no que toca à saúde e educação.

Saúde e Higiene

Consideramos como pertencentes a esse grupo os textos que tratam de maneira direta sobre a saúde da mãe e da criança e ainda aqueles que pretendem didaticamente ensinar pais, mães e professores os princípios básicos de higiene. Estes textos foram em geral escritos por médicos sanitaristas, pediatras e educadoras sanitárias, que apresentavam grande colaboração com a Cruzada.

Percebemos que os textos refletem os objetivos da revista, já que tratam da saúde e da educação da criança. Textos publicados no primeiro ano da revista, como, por exemplo, “Higiene da Criança”¹, “A Criança ao Ar Livre”, “Saúde”, “O Appetite do Bebê” e “Cardápio da Criança”, tratam da saúde da criança nos primeiros anos de vida. Dentre os textos citados acima, apenas “A criança ao Ar Livre” e “Saúde” são assinados. Os médicos Itapema Alves e Myrianto pretendem ensinar às mães, e a própria criança, a terem boas práticas de saúde, principalmente de higiene, como podemos observar na seguinte afirmação: “... a água é o factor primordial na hygiene geral. Banho nunca é demais” (Infância, Ano 1, nº 1, p. 9). Já para as crianças Myrianto escreve: “Que quer dizer saúde? Força para o homem, Belleza para a mulher. Força e Belleza, andam, de mãos dadas, com a Saúde. (...) A saúde, só gosta de morar em casas bem construídas, com paredes bem fortes, com alicerces bem firmes e resistentes” (Infância, Ano 1, nº 1, p. 10). Finalizando o mesmo texto Myrianto escreve: “Crianças: Trabalhar para ser forte, é ser bom paulista, é ser patriota. Criança! Cumpre teu dever de bom paulista. Sê forte! A força de teu corpo, é uma parcella sobre a qual repousa a grandeza de tua terra só os fortes luctam, só os fortes vencem. Sê um delles” (Infância, Ano 1, nº 1, p. 9).

Notamos aqui que, além da preocupação com a saúde, a mensagem de patriotismo e força também permeia os textos da revista. Em “O Appetite do Bebê”, as informações são quanto ao uso da mamadeira e de como a má higienização pode causar transtornos gastrintestinais que podem até ocasionar a morte de crianças. Para finalizar o texto a mensagem de “educação” também se faz presente: “Com um bebê bem acostumado, de cinco mezes, a mamãe pode sustentar a mamadeira com a sua mão esquerda e com a outra tomar um livro e lê-lo tranqüilamente durante 15 minutos” (Infância, Ano 1, nº 1, p. 21).

No segundo número da revista encontram-se mais textos sobre higiene. O texto “Higiene da Criança” ensina às mães e educadores como se deve lavar a cabeça, escovar os dentes e a importância destes atos para a saúde geral da criança. Ainda no segundo número da revista o texto intitulado “Puericultura – 22 conselhos para o bem da criança”, escrito pelo Dr. Pedro de Alcântara, orienta os futuros pais sobre práticas de higiene e saúde. Instruindo aqueles que desejam ser pais a procurarem orientação médica, antes mesmo de se casarem, ele afirma: “Casar-se em boas condições de saúde contribue, para a felicidade dos filhos, mais do que longos e penosos annos de trabalhos e fadigas” (Infância, Ano 1, nº 2, p. 5). Como já vimos os textos publicados refletem os objetivos da revista, a propagação de idéias sobre saúde e higiene. Naquela época estes eram motivos de grande preocupação. Os higienistas buscavam cada vez mais difundir suas idéias e a noção de

¹ Nos excertos da revista Infância foi mantida a grafia da época.

saúde pública, e a prevenção ganhava cada vez mais espaço num país onde as condições precárias de moradia e higiene faziam muitas vítimas, principalmente entre as crianças. Em textos como “Hygeia”, “O problema da puericultura no Brasil”, “A tuberculose de typo infantil”, “As crianças e os adolescentes são os mais beneficiados pelos banhos de mar”, “Sobre a alimentação mixta”, “A fructa reforça as reservas alcalinas do nosso organismo”, “Cardápio Infantil” e “Puericultura” tratam da saúde da criança nos primeiros anos de vida e da mãe que acabou de dar a luz. Médicos e professores como por exemplo Edgard Braga, Frederico Lewis, Guilherme Narvajás e Luis Morquio tratam de temas que pretendem ensinar às mães a combater a mortalidade infantil e prevenir doenças como a tuberculose e outras relacionadas à má alimentação e má higienização, nota-se aqui uma forte presença higienista. “Temos procurado instruir às boas mães, infundir-lhe conselhos ditados pela experiência, razão, lógica, tudo bem documentado” (*Infância*, Ano 2, nº 8, p. 5), afirma Edgard Braga, colaborador assíduo da revista. Já Frederico Lewis encerra seu texto sobre a tuberculose da seguinte maneira: “E digamos, para terminar, que jamais se deverá allegar ignorância em assumptos de tal ordem, pois tal ignorancia é intolerável quando se trata de uma molestia tão grave como a tuberculose pulmonar” (*Infância*, Ano 2, nº 8, p. 8).

O texto “A puericultura e a escola primária” foi proferido pela senhora Maria Antonieta de Castro² no encerramento de um curso sobre o assunto para alunas do quarto ano dos grupos escolares. Neste discurso ela fala sobre a importância de se ensinar às jovens solteiras sobre as tarefas da maternidade, para que desde cedo elas soubessem educar as crianças e prevenir doenças. Ela informa que as seguintes atividades fazem parte do programa do curso: “observação da curva do crescimento (...); observação da alimentação natural, artificial, desmame (...); observação em domicílio (...); excursões educativas (...) e exposição de trabalhos...” (*Infância*, Ano 2, nº 9, p. 19). Percebemos aqui que a preocupação em formar uma nova mentalidade nas mães estava fortemente associada às atividades da Cruzada e era um dos objetivos da revista *Infância*. O curso também era composto de atividades práticas, pois o objetivo era o de que essas moças não fossem apenas educadas academicamente, mas pudessem utilizar e saber como utilizar os conhecimentos adquiridos no curso.

No décimo segundo número da revista podemos encontrar os textos “Hygiene Infantil”, de Pedro de Alcântara; “Não enfaixem seus filhinhos” assinado por F. Pompêo do Amaral; “O dia do lactente”, por Luis Splendore, e “A arte de amamentar”, por Edgard Braga. Todos estão voltados para a saúde da criança. Em “Hygiene infantil” encontramos um exemplo claro das preocupações da

² Professora Maria Antonieta de Castro foi aluna da primeira turma do curso de educadoras sanitárias.

época: “A solução do problema da redução da mortalidade infantil não só de atuação do sanitarista e do médico depende. A situação econômica da população, e a posição educacional das massas [sic]. Não é só um problema médico e sim social” (Infância, Ano 2, nº 11, p. 9). Percebemos aqui um discurso de alerta às leitoras da revista que pertenciam à classe alta e deveriam preocupar-se com o problema social da mortalidade infantil. Esse assunto também deveria interessar aos ricos. Nos textos “O dia do lactente” e “A arte de amamentar”, a valorização da alimentação pelo leite materno é o assunto principal. Naquela época iniciou-se no Brasil a difusão dos leites preparados e muitas mães pertencentes às elites deixaram de amamentar para dar as crianças os leites industrializados.

No texto sobre os desvios da coluna, assinado por F. Pompêo do Amaral, os pais e educadores são alertados para o problema que estes desvios podem causar na vida da criança, afetando sua saúde como um todo. A ênfase na prevenção de doenças e promoção da saúde está entre os principais objetivos. Apesar dos avanços da ciência, ainda hoje muitos desses textos caberiam na instrução de mães das classes mais baixas.

Durante o terceiro ano de publicação da revista vimos que os textos publicados na área de Saúde e Higiene também estavam dentro dos mesmos padrões seguidos nos anos anteriores. Entre os textos encontramos: “A attitude e sua relação com a saúde”, “Regimens alimentares nas anomalias constitucionais”, “O leite”, “Como alimentar o lactente durante a viagem”, “Vaccine-se”, “Shyphilis e proteção a infância”, “O dentista deve ser o melhor amigo das crianças”, “O desmame”, “Traumatismos do nascimento” e “A importância da consulta de hygiene pré-natal” são alguns dos textos que tratam do tema no ano de 1937. Os autores desses textos são Edgard Braga, F. Pompêo do Amaral e outros médicos da época que também eram colaboradores da Cruzada Pró-Infância. O texto de Pompêo do Amaral “A atitude em relação com a saúde”, dedicado aos pais e educadores, trata da constituição muscular e a saúde. Vejamos: “A massa de uma pessoa não corresponde, de nenhuma forma, á intensidade de seu desenvolvimento e não é possível, por conseguinte, concluir de sua apreciação se esse se processa convenientemente” (Infância, Ano 3, nº 13, p. 7). O autor afirma que “as doenças podem exercer influência decisiva sobre a attitude do corpo em pé” (Infância, Ano 3, nº 13, p. 9). E ressalta que é importante estar atendo à postura da criança, pois este é um detalhe de grande importância na saúde geral da criança.

O texto “14 regras de saúde” trata de práticas de higiene diária tais como tomar banho e alimentar-se sem excessos. Já o texto de Luiz Splendore sobre a alimentação nas anomalias trata dos alimentos complementares da alimentação infantil, como, por exemplo, o leite Eledon, Milo e biscoitos Gelco. Embora não seja uma propaganda direta, tais produtos são anunciados várias vezes na revista e

nesse texto são recomendados pelo médico. O texto “O leite” trata das qualidades e benefícios que o leite de vaca pode trazer, reforçando sempre a necessidade de higienização e cuidados na conservação do mesmo. O médico W. Oliveira dedicou-se a falar sobre o leite em quase todos os números da revista naquele ano.

Já Pompeu do Amaral explica às mães por que não se deve colocar o bebê sentado. “A atitude sentada é uma postura sempre prejudicial às crianças” (*Infância*, Ano 3, nº 14, p. 2). O autor conclui: “E não é só nas classes desprotegidas que tais erros se observam. Também entre os ricos há muitos que acreditam na conveniência de fazer os filhos sentar cedo” (*Infância*, Ano 2, nº 14, p. 2). Ao falar que entre os ricos tais erros também acontecem, o autor indica que há algumas doenças que são causadas pelas condições sociais, demonstrando aqui a ideologia de que a educação e a boa condição financeira diminuem os riscos de doenças e de mortalidade embora a postura da sentada da criança não esteja relacionada a condição social. “O cardápio infantil”, texto de Luiz Splendore, assim como nos números anteriores fala de alimentos indicados às crianças. Neste texto em especial ele trata da alimentação do lactente durante uma viagem. “Quando o povo ficar bem sciente o que é leite em pó o problema da alimentação infantil estará bem claro. Oxalá que os leitores façam a propaganda do que eu disse e estarão prestando serviços aos que desconhecem estes princípios tão simples mas tão necessários” (*Infância*, Ano 3, nº 14, p. 24). A idéia de que o leite em pó é o alimento indicado para as crianças foi bastante difundida naquela época, fazendo inclusive com que muitas mães deixassem de dar o leite do peito para alimentar as crianças com este alimento industrializado. Nota-se que público alvo da revista são os grupos de maior poder aquisitivo, pois os custos relacionados a esta alimentação não poderiam ser bancados por todas as famílias.

Além da alimentação, a manutenção da saúde por meio da prevenção de doenças também era importante tema da revista. Verificamos no subtítulo “A vacina é a única maneira de evitar a varíola” uma informação seguida da advertência: “Vaccine-se”. Nesse texto a descoberta da vacina contra varíola é contada detalhadamente, além de recomendar aos leitores que participem da vacinação. Outro texto no mesmo número da revista fala sobre tratamentos da tuberculose, o que também pode ser considerado uma prevenção, seja no combate da propagação da doença ou na prevenção de doenças derivadas da tuberculose.

O texto do Octávio Gonzaga, que tem como título “Syphilis e protecção a infância”, explica às mães como esta doença pode afetar o desenvolvimento da criança e que podem ocasionar até a morte. Notamos que ao falar sobre esta doença sexualmente transmissível os autores tratam de temas que podem ser considerados mal vistos para as mulheres da elite, entretanto este assunto deveria estar em pauta, uma vez que as mulheres da elite, também serviram

na transmissão de conhecimentos científicos, para aquelas que não eram alfabetizadas e não tinham acesso à informação.

Ao afirmar que “O dentista deve ser o melhor amigo das crianças”, a Dra. Luiza Salmain aponta: “Cabe aos pais, responsáveis pela saúde dos filhos, cuidar desses dentes frágeis” (Infância, Ano 3, nº 15, p. 18). Ao incluir o tema da higiene bucal, a revista mostra-se de vanguarda, em um período que a higienização estava em alta, mas o acesso aos serviços de saúde ainda eram precários, e a saúde bucal, já estava relacionada à saúde geral.

Outro texto do Dr. Edgard Braga fala da importância do pré-natal, assunto também relacionado com a saúde da gestante. “Hoje ninguém mais duvida da importância dessas consultas de higiene pré-natal, e aquilo que era feito de modo empírico sem reflexão, é, na actualidade, cumprido com carinho um dever de patriotismo sadio e justificado” (Infância, Ano 3, nº 17, p. 9). O autor relaciona a higiene ao patriotismo. Aliás, diversas eram as associações ao tema por influência dos movimentos nacionalistas.

Em seu texto “Porque morre tanta criança?”, o médico Pedro de Alcântara afirma que a miséria e a ignorância eram os principais causadores dessa mortalidade, como vemos: “O problema da mortalidade infantil está, pois, indissolúvelmente ligado ao problema da distribuição da riqueza” (Infância, Ano 3, nº 17, p. 27). Percebe-se aqui uma crítica do autor quanto à distribuição de renda e à necessidade de combater a mortalidade infantil.

Os assuntos tratados nesta seção são variados e abrangentes, algumas vezes voltados para as mães pobres e outras vezes para ricas e pobres.

Verificamos também que a mensagem é cientificamente adaptada ao público leigo, característica, segundo Horkheimer e Adorno, da ideologia. Veremos no item a seguir, sobre a educação, que a transição para uma sociedade próspera, sadia e feliz poderia ser atingida se a educação fosse efetuada com sucesso.

Educação

Pertencem a esse grupo os textos que tratam de maneira direta sobre a educação da criança, encontrados inclusive nos artigos destinados à higiene e saúde.

Nos quatro exemplares do primeiro ano de publicação da revista encontram-se os textos “A Criança que estuda”, “Livros novos”, “A orientação profissional e educacional em nosso meio escolar” e a coluna “A estante infantil” (presente em todos os exemplares), que de alguma maneira abordam a educação escolar.

No texto “A criança que estuda”, do médico Flaminio Fávero para o primeiro número da revista, percebe-se a preocupação com a educação – em especial a leitura - e sua relação com o futuro da nação, mas o autor afirma que ler não é o único caminho esse futuro feliz.

Durante o ano de 1936 foram publicados cinco números da revista. Em todos encontramos textos dedicados à educação da criança, entre os quais “A estante infantil”, “Passado, presente e futuro da criança brasileira”, “Atividades educativas para as crianças no lar” e “Porque não conservar uma história para seu filhinho” são os principais.

A coluna “A estante infantil”, continua presente nos números 8, 9 e 10, publicados em 1936. A coluna presente no oitavo número tem como subtítulo “Aprendendo a cultivar o amor á pátria” e foi escrita por Vicente Lessa Junior (agora assinando seu nome por inteiro): “Ao proporcionar a nossos filhos os elementos com que irão formar o habito sadio da leitura, não nos devemos esquecer de incluir entre os mesmo uma dose apreciável de material que os oriente para o cultivo da historia pátria” (p.27).

No número 10 da revista, Elvira Nizinska da Silva aborda a literatura infantil e finaliza o texto afirmando que “A literatura infantil não pode ser vista assim, como, material de distração ou de entretenimentos, apenas. É um instrumento capaz de exercer ação profundamente educativa e, como tal, deve ser encarada” (p. 28).

O texto “Atividades educativas para a criança no lar”, incluído nos números 10 e 11, assinado por Rowna Hansen, ensina os pais sobre a educação de seus filhos para a vida: “A educação da creança começa muito antes de seu ingresso na escola, pois durante os seus primeiros annos aprende mais em menos tempo que em qualquer outro período de sua vida” (Infância, Ano 2, nº 10, p.29). No número seguinte continua: “Todo indivíduo necessita de um cantinho – um cubicolosinho, umas prateleiras, uma estante, ou umas gavetas – em que guardar o que é seu. (...) Os paes naturalmente desejam incutir nos filhos habitos de ordem, economia e perseverança, e a criança, com um pouco de animação e auxílio, usualmente adquire facilmente taes habitos” (Infância, Ano 2, nº 11, p.29-30).

O texto “É suficiente por hoje!”, alerta os pais para o risco de estarem sobrecarregando seus filhos com os estudos: “Não é por muito estudar que se aprenderá mais, pois chega o momento em que, fatigada a atenção, todos os esforços serão estéreis” (Infância, Ano 3, nº 15, p. 14).

Como destacamos nesta parte, a educação das crianças era vista como responsabilidade da família e a orientação delas era, portanto, uma parte fundamental do trabalho da Cruzada com o objetivo de se ter um país culto, destacando-se a importância de saber ler e a leitura de obras literárias. A utilização dos conhecimentos científicos para o esclarecimento dos pais e o desenvolvimento da nação também pode ser percebida nos textos sobre educação.

Considerações finais

Pode-se concluir, pelo exposto, que a revista *Infância* foi uma publicação de vanguarda, tendo em vista que seus colaboradores foram estudiosos e cientistas pioneiros em suas áreas de atuação no Brasil e a promoção de idéias consideradas inovadoras na época.

Alguns aspectos relacionados à educação abordados na revista poderiam hoje ser enquadrados nos aspectos psicológicos do desenvolvimento, o que se deve ao avanço da psicologia como ciência autônoma. Assim, constata-se a presença da psicologia do desenvolvimento na educação desde sua introdução no Brasil.

As idéias difundidas pelas reformas nos departamentos de saúde pública e educação, bem como a elaboração de leis sobre a proibição do trabalho infantil, contribuíram para as transformações da noção de infância apresentadas na revista. A educação era tida como a chave para o futuro crescimento do país, uma idéia marcante e que até hoje permeia a sociedade, seja no meio leigo, científico ou político.

Encontram-se nos textos da revista *Infância* assuntos que atualmente seriam relacionados à psicologia e à educação e verificamos que diversos foram os aspectos que contribuíram para a formação da noção de infância na década de 1930 e ainda hoje a influenciam. São exemplos disso a educação formal, a industrialização, o capitalismo e o consumismo. Não é possível afirmar que a atual noção de infância no Brasil seja única, mas de diversas maneiras a infância das crianças brasileiras tem sido protegida nos últimos tempos e tanto a revista *Infância* como a Cruzada Pró-Infância tiveram influencia nesse aspecto.

Referências bibliográficas

- Abrão, JL. *Um percurso pela história da psicanálise de crianças no Brasil*. [Dissertação]. Assis, (SP): Universidade Estadual Paulista, 1999.
- Adorno, TW. & Horkheimer, M. A indústria cultural. In: Cohn, G. (org.) *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- Antunes, MAM. *A Psicologia no Brasil - Leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo : Editora Educ e Editora Unimarco, 2005.
- Ariès, P. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- Byington, ME, Mott, ML, Alves, OSF. *O Gesto que Salva – Pérola Byington e a Cruzada Pró-Infância*. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 2005.
- Cabral, AM. A psicologia no Brasil. In: Antunes, MAM. (org.) *História da Psicologia no Brasil – primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2004.

- Faleiros, VP. Infância e Processo político no Brasil. In: Pilloti, F, Rizzini, I. *A arte Governar Crianças: A História das Políticas Sociais*. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano del Niño/Editora Universitária Santa Úrsula/Amais Livraria e Editora, 1995.
- Gondra, J. Modificar com brandura e prevenir com cautela. Racionalidade médica e higienização da infância. In: Freitas, MC, Kuhlmann Júnior, M. *Os Intelectuais da História da Infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 289-318
- Horkheimer, M. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- _____, Adorno, TW. *Dialética do Esclarecimento fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- IBGE (Brasil). Evolução e Perspectivas da Mortalidade Infantil no Brasil. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica. Rio de Janeiro: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1999. n° 45.
- Leite, DM. *O desenvolvimento da criança*. Cia. São Paulo: Editora Nacional, 1972.
- Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. 1984 maio/ago; v(65) n(150).
- Marx, K. *O Capital – Crítica da Economia Política*. v2. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- Miceli, S. *Intelectuais a Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Mott, ML. Estudos biográficos e filantropia: uma reflexão a partir da trajetória de vida de Pérola Byington. *Revista Gênero*. Niterói (RJ). 2003; v(3)n(2): 21-41.
- Moura, M. *A noção de infância no Brasil na década de 1930: Uma análise da revista Infância*. [Dissertação] São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- Nagle, J. Educação e sociedade na 1ª República. São Paulo: EPU/MEC, 1974
- Rizzini, I. *A assistência à infância no Brasil – Uma análise de sua construção*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.
- Rocha, HHP. A educação sanitária como profissão feminina. *Cad. Pagu*. Campinas (SP). 2005 [acesso em 2010 Jun 4] Jun 24: 69-104, Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100005&lng=pt&nrm=iso>.
- Stearns, P. *História Mundial - A infância*. São Paulo: Contexto, 2006.

Data de recebimento do artigo: 26/07/2010

Data de aprovação: 23/11/2010

Conflito de Interesse: Nenhum declarado

Fontes de Financiamento: CAPES